



# TENSÕES, TRADIÇÕES E LAZER: ESTRANHAMENTOS DE UM PROFESSOR DE UM GRUPO DE CONVIVÊNCIA<sup>1</sup>

Luis Felipe Silveira<sup>2</sup>

## RESUMO

*Este trabalho discute sobre estranhamentos percebidos ao assumir a coordenação dos encontros de um grupo de convivência que já tinha mais de vinte anos desde a sua fundação. Esse desafio mostrou a necessidade de me resignificar no papel de professor que atua no campo de lazer.*

PALAVRAS-CHAVE: Lazer; Grupo de convivência; Envelhecimento.

## 1 INTRODUÇÃO E DECISÕES METODOLÓGICAS

Este trabalho tem como referência a produção de conhecimento no lazer, especialmente aquela que se dedica a compreender esse fenômeno como lugares antropológicos, isto é, como universos socioculturais nos quais se constituem apropriações de espaços públicos (parques, praças, escolas, ginásios, etc.). Existem coletivos de estudos e de pesquisas que tratam dessa questão, dentre os quais podemos mencionar o Grupo de Estudos e Pesquisa em Lazer, Espaço e Cidade na cidade de Curitiba-PR, o Grupo de Estudos Socioculturais de Educação Física na cidade de Porto Alegre-RS, o Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Públicas e Lazer na cidade/região de Campinas-SP, o Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas na cidade de Belo Horizonte-MG, o Laboratório de Estudos e Pesquisa do Lazer na cidade de Montes Claros-MG, e o Grupo de Pesquisa em Esporte, Lazer e Comunicação na cidade/região de Goiânia-GO.

Obviamente estes não são os únicos grupos, mas são aqueles em relação aos quais o presente trabalho tem pretensões de dialogar no âmbito do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, no Grupo de Trabalho Temático Lazer e Sociedade. Na impossibilidade – pelos limites do resumo expandido – de citar os muitos estudos produzidos por eles, vale enfatizar que há um consenso em torno do qual o lazer é entendido como um universo simbólico que guarda singularidades nas experiências cotidianas de grupos sociais urbanos, frequentemente materializadas na forma de redes de sociabilidades que têm suas histórias, suas disputas relacionais e que conferem identidades.

<sup>1</sup> O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

<sup>2</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Secretaria Municipal de Esporte, Recreação e Lazer (SME-POA), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS-PPGCMH), Centro de Desenvolvimento de Pesquisas sobre Políticas Públicas de Esporte e Lazer - REDE CEDES-RS, luisfelipe.silveira@gmail.com

A produção acerca dessa questão no lazer dialoga com um estranhamento que produzi ao assumir, como professor, aulas de dança e um grupo de convivência constituído de idosos, a maioria mulheres, num Ginásio de Esportes da cidade de Porto Alegre, sendo este um lugar privilegiado de seus lazes. Havia uma certa expectativa para a chegada do novo professor (autor deste texto), pois estavam há cerca de dezoito meses sem essa referência devido a aposentadoria da professora que criou o grupo. No encontro que fui apresentado, dois discursos que se faziam presentes: um me mostrava que tinha uma tradição, e que todos os integrantes tinham um grande orgulho de participar do grupo; outro me mostrava que, apesar do orgulho do passado, ele não importa mais, pois agora “é o professor novo que vai levar o grupo” (afirmação de uma integrante do grupo). Portanto, o estranhamento se dava em relação ao discurso da necessidade do novo professor para a existência e manutenção do grupo. Quais eram os lugares e posições do professor e de suas aulas? Fui contratado para ‘ser professor’ ou para ‘sustentar a existência’ de um grupo de lazes? Em que medida essa distinção faz sentido numa lógica de apropriação de equipamentos públicos para o lazer?

Com interrogações como estas em mente, desenvolvi registros de campo, contemplando o que Wacquant (2002) mencionou como “participação observante” (p.23), isto é, descrições daquilo que fui aprendendo e incorporando no cotidiano das intervenções, especificamente “nas situações de lazer”, tal como sustentam Stigger e Myskiw (2015, p.169). Além disso, este trabalho também se fundamenta na análise de um livro intitulado “Nossas Histórias”, produzido em 2012 com relatos de cinquenta e oito integrantes do grupo de idosos com o qual tenho trabalhado. O conjunto do material empírico produzido, tendo em vista os estranhamentos e as interrogações acima, no contexto do debate sobre o lazer como um universo de significados e de apropriações, colaborou para a produção de três categorias, as quais passo a descrever sucintamente em sentido interpretativo.

## 2 A NOSSA TRADIÇÃO

No dia 4 de setembro de 1993, o grupo de convivência foi criado pela professora que o liderou até dezoito meses antes da minha apresentação. A proposta de criação do grupo era de atender idosos com o objetivo de proporcionar “participação em atividades de lazer, música, técnicas e dinâmicas em grupo para estreitar as relações interpessoais, debate sobre o envelhecimento e qualidade de vida e a promoção da auto-organização”<sup>3</sup> (GRUPO BEIJA-FLOR, 2012).

No início, grupo se encontrava duas vezes por semana para as aulas que envolviam ginástica, alongamento e dança. No ano de 1994, o grupo começou a utilizar as sextas-feiras para um terceiro encontro que visava estreitar as relações interpessoais; realizaram-se debates sobre o envelhecimento e sobre qualidade de vida, assim como passou-se a aproveitar o espaço para fomentar a auto-organização dos integrantes do grupo.

Nesse sentido, a professora e o grupo constituíram uma ‘diretoria’<sup>4</sup>, isto é, um grupo de integrantes que ficaria responsável pela administração e organização do

<sup>3</sup> Este objetivo foi retirado de um livro organizado e escrito pelos componentes do grupo. O conteúdo do livro são relatos dos integrantes, da professora e da diretora do Ginásio Tesourinha.

<sup>4</sup> Termo nativo.

grupo. A 'diretoria' é constituída pelos seguintes cargos: vice-presidente, secretaria, tesouraria, social, cultura, turismo, biblioteca e filantropia, todos selecionados pelo presidente que é eleito a cada ano por voto secreto. Do ponto de vista analítico, considere estes cargos como 'categorias de participação no grupo'.

Fazer passeios, os almoços mensais dos aniversariantes, os chás e os eventos nas dependências do Ginásio, as participações em eventos e os jogos direcionados ao público idoso fazem parte de uma tradição que foi, ao longo dos anos de existência do grupo, constituindo seus lazes. Neste processo, o papel do professor foi se transformando. À medida que a tradição do grupo foi se consolidando, o professor 'em um sentido mais tradicional' deixou de existir. A aula não era o seu papel principal, pois a intervenção passou a ser produzida de forma colaborativa entre os 'alunos' e o 'professor'. Assim, qual passou a ser o papel do professor?

### **3 O NOSSO ESPAÇO PÚBLICO**

A sala de número 27 do Ginásio, onde ocorrem os encontros do grupo, está localizada abaixo da arquibancada, na lateral esquerda de quem acessa a área esportiva do ginásio pela entrada principal. A sala está equipada com piso laminado claro, um pequeno palco utilizado para as aulas em grupo, ar condicionado e forro de gesso<sup>5</sup>. Também está disponível na sala um aparelho de som, uma caixa amplificadora, colchonetes e cerca de 60 cadeiras plásticas.

Anexo à sala existe um depósito onde ficam três armários com os materiais do grupo, além de materiais de outras aulas que ocorrem na sala 27. O acesso ao depósito e à sala de aula só é possível com a presença do professor; entretanto, as chaves dos armários ficam sob responsabilidade da presidente do grupo e de outros dois integrantes por escolha da presidente.

O 'Bar' é um local de encontro para diferentes grupos de alunos do Ginásio, principalmente os alunos idosos que, muitas vezes, chegam cedo para as atividades em que estão matriculados e/ou ficam até mais tarde, tomando um café e socializando com os colegas. Este também é um local onde surgem e são discutidos assuntos em pequenos círculos de integrantes do grupo. Assim, muitas tensões produzidas no grupo e outras mais localizadas entre um ou outro integrante surgem nessas conversas. Assuntos esses que eles mesmos chamam de fofocas. É recorrente, nas reuniões do grupo, reclamações sobre as "fofocas do Bar" [DC], ou que "as coisas do grupo devem ser faladas na reunião do grupo, não no Bar" [DC]. Este espaço também é o escolhido para alguns eventos do grupo, tal como os brechós de roupas e artigos usados.

Os integrantes do grupo de convivência vivenciam seus lazes tanto na sala 27 quanto no 'Bar'. Estes espaços, que são públicos, são atravessados de diferentes significados que me fazem pensar que, as noções dos indivíduos sobre espaço público e espaço privado têm seus limites borrados nesses domínios. Há intervenção em ambos os espaços, mas como minha intervenção pode ser qualificada e pertinente em espaços que rompem com as lógicas de atuação construídas no processo de formação acadêmico?

<sup>5</sup> Estas estruturas foram financiadas pela Associação do Amigos do Ginásio.

## 4 AS NOSSAS TENSÕES DO SOCIAL

Vou destacar, neste trabalho, a categoria de participação no grupo que é denominada como ‘social’. Acredito que ser do ‘social’ é ter uma posição de maior prestígio no grupo. Esta consideração parte da existência de uma tensão constante entre algumas integrantes do grupo para assumir esta posição, que me parece mais disputada do que a posição de presidente. Me conduz a essa interpretação seguinte: o ‘social’ é a categoria de participação no grupo que proporciona a realização de atividades que mais se aproximam com as noções de ‘cuidado’ com o outro, ou seja, preparar o chá, arrumar e decorar a sala para a festa, organizar os salgadinhos e a torta são noções de cuidado que, de certa forma, elas conseguem vivenciar quando participam do ‘social’ e que vivenciaram em certos momentos das suas vidas em que suas famílias tinham uma outra configuração<sup>6</sup>.

Acompanhei uma discussão após um cháem que havia a seguinte reclamação:alguns dos integrantes ganharam bandejas com pedaços de torta e salgadinhos que sobravam da festa. Na argumentação dos reclamantes, os salgadinhos eram comprados com o dinheiro da ‘caixinha’, logo não era justo uns ganharem mais do que os outros. A questão central da discussão não me parece ser o pedaço de torta que alguém ganhou a mais, mas sim a crítica à gestão das funções atribuídas ao ‘social’. Frequentemente sou alertado de que alguém ‘não está fazendo do jeito certo’ [DC]. Essa tensão sobre as atribuições do ‘social’ é frequente, parte de diferentes direções e me sinalizam este espaço de disputa. Assim, os lazeres proporcionados pelo grupo de convivência apresentam tensões que, neste caso, são vivenciadas por meio de disputas, fofocas e pequenas discussões. Apesar do sentido negativo que as palavras ‘disputa’, ‘fofocas’ e ‘discussões’ podem transparecer, acredito na ideia de que tensões<sup>7</sup> constituem de forma significativa os lazeres naquele espaço. Considerando que a rede de sociabilidade de muitos desses indivíduos é restrita ao grupo (devido à aposentadoria, à morte de familiares, à vida profissional dos filhos e a outras situações), eles já não vivenciam mais as muitas tensões diárias de indivíduos inseridos em atividades laborais, de formação profissional, de criação dos filhos, tais como disputas, fofocas e pequenas discussões.

O ‘social’ não é a única categoria que ilustra um cenário de tensão em que o professor acaba por vezes com uma atribuição de juiz. Essas situações me fazem pensar sobre qual é o meu lugar como professor do grupo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destaco, nestas considerações finais, não o que aprendi no campo como professor do grupo de convivência, mas de destacar o quanto foi importante aprender para saber qual era o meu lugar como professor e como eu poderia, no meu exercício profissional, contribuir para a formação daqueles indivíduos. Pode contribuir para esse debate a noção de “intelectual orgânico” apresentada por Isayama (2003). Nesse sentido, os professores de educação física que atuam no campo do lazer

6 A maioria das integrantes é viúva (algumas já perderam filhos), os filhos não moram mais com elas, em alguns casos vivem em outras cidades e a maioria mora sozinha.

7 Os autores Elias e Dunning (1992) defendem a ideia de que no lazer também são produzidas tensões agradáveis, e não de que o lazer está vinculado apenas ao relaxamento das tensões.

“devem representar um conjunto orgânico de experiências coletivamente produzidas e organizadas no intuito de permitir a compreensão crítica dos mecanismos de opressão presentes em nosso cotidiano” (ISAYAMA, 2003, p. 71).

Desafios como a MP 746/2016 e a PEC 55 do governo Temer, assim como a extinção das pastas exclusivas de esporte nos municípios (caso de Porto Alegre), nos mostram um cenário de opressão e de redução de direitos que torna necessário este tipo de profissional no sentido de favorecer a ampliação do “conhecimento e a criação de mecanismos para a luta contra essa opressão” (ISAYAMA, 2003, p. 71).

## TENSIONES, TRADICIONES Y OCIO: EXTRAÑAMIENTOS DE UN PROFESOR DE UN GRUPO DE CONVIVENCIA

RESUMEN: *Este trabajo discute los extrañamientos percibidos al asumir la coordinación de los encuentros de un grupo de convivencia que ya tenía más de veinte años desde su fundación. Este reto mostró la necesidad de replantearme en el papel de profesor que actúa en el campo del ocio.*

PALABRAS CLAVE: *Ocio; Grupo de convivencia; Envejecimiento.*

## TENSION, TRADITION, AND LEISURE: A TEACHER'S STRANGENESS IN A SOCIALIZATION GROUP

ABSTRACT: *This paper discusses the strangeness I encountered when I started coordinating the meetings of a socialization group founded more than twenty years ago. It was a challenge that showed me the need to redefine myself as a teacher who works in the field of leisure.*

KEYWORDS: *Leisure; Socialization Group; Aging.*

## REFERÊNCIAS

ELIAS, N; DUNNING, E. **A busca da excitação**. 1. Ed. LISBOA: DIFEL, 1992.

GRUPO BEIJA-FLOR. **Nossas Histórias: relatos dos integrantes do grupo de terceira idade Beija-flor**. Porto Alegre: Prefeitura de Porto Alegre - Secretaria de Esportes, Recreação e Lazer, 2012.

ISAYAMA, H. F. O profissional da Educação Física como intelectual: atuação no âmbito do lazer. In: MARCELLINO, N. C. **Formação e desenvolvimento pessoal em lazer e esporte**. Campinas: Papirus, 2003.

STIGGER, M. P.; MYSKIW, M. O lazer entre a contitudização e a compreensão: olhares das subáreas da educação física. In: STIGGER, M. P. (Org.). **Educação Física + Humanas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2015. p. 155-179.

WACQUANT, L. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.